

Resenha

RÁDIO BIKINI

Maria José P.M. de Almeida

Em números anteriores, o *Ciência & Ensino* já publicou duas resenhas de livros. Com este texto, pretendo ampliar o alcance desta sessão, para que, além de resenhas de textos escritos, ela inclua também a divulgação, análise e crítica de vídeos.

Antes de manifestar minha opinião sobre o documentário *Rádio Bikini*, quero localizar o ponto de vista a partir do qual olho para o filme, um olhar entre muitos outros possíveis - como professora, pensando as reações às suas imagens, transformando-o num recurso didático, num instrumento capaz de provocar interações significativas numa sala de aula. Foi assim que o pensei depois de assisti-lo, pela primeira vez, apresentado pela TV Cultura de São Paulo, pertencente à Fundação Padre Anchieta. Devo, no entanto, frisar que esse olhar seguiu - não antecedeu - a forte emoção que o documentário me causou. E também não posso imaginá-lo sendo dissecado para que suas partes sejam "exploradas". Só posso vê-lo como um pretexto para conversas, discussões, debates, provocados por suas imagens.

Rádio Bikini é um filme de Robert Stone, apresentando Kilon Bauno, chefe dos Bikinianos e John Smitherman, veterano de testes nucleares no Atol de Bikini em 1946, com duração de pouco mais de 55 minutos.

Neste mesmo número do *Ciência & Ensino*, Cristina Bruzzo em "O Documentário em Sala de Aula" nos diz que "a fronteira entre documentário e ficção é cada vez menos clara" e nos fala de procedimentos ficcionais nos documentários, bem como "há filmes de ficção com jeito de documentário". Depois de vermos *Rádio Bikini* é improvável

não sentirmos um desejo de que tudo tenha sido apenas ficção. Infelizmente, a trama descreve acontecimentos reais. Mas, é na articulação destes acontecimentos que o filme ganha sua beleza e seu poder. Poder de remeter para o pesadelo nuclear, adjetivação na fala de Vicente Adorno, o apresentador da TV Cultura que o introduziu quando o assisti naquela emissora.

Tecido com cenas de testes nucleares levados a efeito após a rendição do Japão na 2ª guerra mundial, o filme mostra as explosões e o cenário em que ocorreram, com as "cobaias", inclusive as humanas, além de muitas outras imagens, que incluem as transmissões de uma rádio, a rádio Bikini, falas de Harry Truman, o então presidente dos Estados Unidos, a concordância de Einstein, posicionamentos divergentes de membros das Nações Unidas, entre outras filmagens da época, que foram intercaladas com entrevistas, levadas a efeito quando o filme foi produzido. Entre os entrevistados, os principais: Bauno, representando todo um povo que precisa abandonar a sua terra, e Smitherman, um entre tantos veteranos do horror em que se transformou a euforia do momento a que o filme se refere.

Maria José P. M. de Almeida é professora da FE UNICAMP, e coordenadora do gepCE.